



Foto: Caio César

## Caminhar no Amor

### FINADOS



**Bispos presidiram missas nos cemitérios da capital**

pág. **3**

### COMUNIDADES



**Apresentamos a Paróquia Nossa Senhora Aparecida, de Inhumas**

pág. **4**

### VIDA CRISTÃ



**Continua o estudo sobre o Evangelho de São Marcos**

pág. **7**



## CONSENTIMENTO MATRIMONIAL



DOM WASHINGTON CRUZ, CP  
Arcebispo Metropolitano de Goiânia

A Igreja considera a permuta dos consentimentos entre os esposos como o elemento indispensável “que constitui o Matrimônio” (CDC, cân. 1057 § 1). Se falta o consentimento, não há Matrimônio.

O consentimento consiste num ato pelo qual os esposos se dão e se recebem mutuamente como esposo e esposa, passando a ficar unidos como “uma só carne”. O sacerdote (ou diácono) que assiste à celebração do Matrimônio recebe o consentimento dos esposos em nome da Igreja e dá a bênção da Igreja. A presença do ministro (bem como das testemunhas) exprime visivelmente que o Matrimônio é uma realidade eclesial. É por esse motivo que, em princípio, os fiéis estão obrigados a celebrar na Igreja o seu casamento (forma eclesiástica).

### Conforme o Catecismo da Igreja Católica (CIC-1631)

- o Matrimônio é um ato litúrgico;
- introduz num ordo eclesial, criando direitos e deveres na Igreja entre os esposos e para com os filhos;
- sendo um estado de vida, é necessário que haja certeza acerca dele.
- o carácter público do consentimento protege o “sim” e ajuda a permanecer-lhe fiel.

### Os efeitos do Sacramento do Matrimônio (CIC 1638-1642)

1. O vínculo matrimonial, que tem o selo de Deus (GS 48 § 1 e § 2). O vínculo que resulta do ato humano livre dos esposos, sendo estabelecido pelo próprio Deus, é irrevogável e permanente: “dá origem a uma aliança garantida pela fidelidade de Deus”. Sobre ele a Igreja não tem qualquer poder. 2. A graça do Sacramento: aperfeiçoa o amor dos cônjuges e fortalece a sua unidade indissolúvel. Por meio dessa graça, os esposos “auxiliam-se mutuamente em ordem à santidade, pela vida conjugal e pela procriação e educação dos filhos” (LG 11). Cristo é a fonte da graça do Sacramento: o Salvador dos homens e Esposo da Igreja vem ao encontro dos esposos cristãos com o Sacramento do Matrimônio, fica com eles, dá-lhes coragem para o seguirem tomando a sua cruz, para se levantarem depois das quedas, para se amarem com um amor sobrenatural, delicado e fecundo... Nas alegrias do seu amor e da sua vida familiar, Ele lhes dá, já neste mundo, um antegosto do festim das núpcias do Cordeiro. (1642)

### Os bens e as exigências do amor conjugal (CIC 1643-1654)

**Sumário: Familiaris Consortio 13 (CIC 1643)**

“O amor conjugal comporta um todo em que entram todas as componentes da pessoa – apelo do corpo e do instinto, força do sentimento e da afetividade, aspiração do espírito e da vontade –; visa a uma **unidade** profundamente pessoal – aquela que, para além da união numa só carne, conduz à formação dum só coração e duma só alma –; exige a **indissolubilidade** e a **fidelidade** na doação recíproca definitiva; e abre-se para a **fecundidade**. Trata-se, é claro, das características normais de todo o amor conjugal natural, mas com um significado novo que não só as purifica e consolida, mas as eleva ao ponto de fazer delas a expressão de valores especificamente cristãos”.

## Editorial



Foto: Cário César

O vínculo matrimonial é, pois, estabelecido pelo próprio Deus, de modo que o casamento realizado e consumado entre batizados jamais pode ser dissolvido (CIC 1640)

Chegamos à última edição da série sobre o Sacramento do Matrimônio. Neste pequeno caminhar, apresentamos os alicerces para um Matrimônio feliz (ed. 74) em que o padre Luiz Henrique explica que não há receita pronta, mas “atitudes cotidianas” que levam a um casamento fiel e duradouro. A edição 75 trouxe a unidade e indissolubilidade – pilares do Matrimônio, que atendem à Palavra

de Deus, “O que Deus uniu o homem não separe” (Mc 10, 9). Já na 76, os casais Thiago Henrique e Sandrina Magalhães e Hedilvado Moraes e Flávia Ribeiro apresentaram o dom mais excelente do casamento, os filhos. Na presente edição, o testemunho do Sr. João Luiz da Silva (João Rosa), 87 anos, e de D. Maria da Luz Diniz da Silva, 84, casados há 66 anos, pais de 10 filhos, nos faz refletir profundamente sobre o amor verdadeiro, aquele que não se abala. Não poderíamos fechar de maneira melhor essa série. Aproveite o nosso conteúdo formativo e informativo.

**Boa leitura!**

## NESTA SEMANA CELEBRAM-SE



### Dia 9 - Consagração da Basílica de Latrão

Neste dia, celebra-se a festa da Dedicção da Basílica de São João de Latrão. Trata-se da Catedral de Roma onde o papa é o bispo; igreja muito antiga, construída no século IV. Para nós, católicos do Ocidente, essa festa quer ser um sinal da comunhão de todas as nossas Igrejas com a Igreja-mãe. A celebração eucarística é sempre memória da Páscoa do Senhor, que veio estabelecer uma nova relação entre Deus e nós, baseada no Amor sem medida; nesse dia reforçamos nossos compromissos com a comunhão e a participação de todos em nossa Igreja.

Esta é uma festa do “Senhor”. O Verbo, fazendo-se carne, armou a sua tenda entre nós (cf. Jo 1,14). O Cristo ressuscitado está presente em sua Igreja: é dela Cabeça. As igrejas de pedra ou tijolos são um sinal dessa presença de Cristo; é ele que aí fala, dá-se em alimento, preside a comunidade reunida em oração, “permanece” conosco para sempre (SC 7).

O palácio do Latrão, propriedade da família imperial, tornou-se no século IV, habitação particular do papa. A basílica adjacente, dedicada ao divino Salvador, foi a primeira catedral do mundo: aí celebravam-se especialmente os Batismos na noite de Páscoa. Mais tarde dedicada também aos santos João Batista e Evangelista, foi, por muito tempo considerada a Igreja-mãe de Roma, e nela se realizaram as sessões de cinco grande Concílios ecumênicos.

**Dia 10 – São Leão Magno**, papa e doutor da Igreja, autor da Carta dogmática em que expõe a doutrina católica das duas naturezas de Cristo em uma só pessoa.

**Dia 11 – São Martinho de Tours (316-397)**, bispo considerado grande missionário.

### DATAS COMEMORATIVAS

8: Dia do Radiologista / 9: Dia do Hoteleiro / 11: Dia do Diretor de Escola / 12: Dia do Psicopedagogo; Dia Nacional do Inventor / 14: Dia dos Bandeirantes





# Missas nos cemitérios da Arquidiocese de Goiânia

Nos dias 31 de outubro a 2 de novembro, 33 cemitérios da Arquidiocese de Goiânia tiveram missas celebradas por ocasião do Dia dos Fiéis Defuntos (Finados). As celebrações aconteceram em diversos horários



e contaram com a participação de milhares de fiéis, que visitaram os túmulos dos seus entes queridos. O arcebispo Dom Washington Cruz presidiu missa no Cemitério Vale da Paz, às 8h, do dia 2, e refletiu com os participantes. “Quem nos separará do amor de Deus? Nem a vida, nem a morte, nem a doença, nem a fome. Nada disso. Porque Cristo ressuscitou”, disse, comentando a segunda leitura (Rm 8, 31b-35.37-39).

Dom Washington também lembrou que as pessoas que morrem na fé do Senhor estão vivas, “porque quem vive e crê não morrerá eternamente”. E completou. “Morte eterna é para quem não vive em Jesus. Os que creem passam da vida para a vida. Tem

gente que morre sem acreditar. Mas viveu o bem aqui na terra. Não fez o mal aqui. Quanto a esse não sabemos, mas a vontade de Deus será feita”.

No Cemitério Vale do Cerrado, a missa foi presidida pelo bispo auxiliar Dom Levi Bonatto, às 17h. Ele explicou que todas as missas daquele dia (2) foram “dedicadas especialmente à salvação das almas que estão no purgatório”. Essas almas, segundo ele, “ainda não se condenaram, mas não gozam plenamente das perfeições de Deus. É por isso que rezamos tantas missas nos cemitérios hoje”. Dom Levi questionou os presentes. “Quem não se salva?” E respondeu. “Aqueles pessoas que ofendem a Deus com consciência, que sabem que estão fazendo as coisas contra a lei de Deus. Essas são as pessoas que se condenam”.



Foto: Fúlvio Costa

## DOM ANTONIO RIBEIRO



Foto: Fúlvio Costa

Do alto dos seus 89 anos de vida, o arcebispo emérito de Goiânia, Dom Antonio Ribeiro de Oliveira, presidiu a missa em

ação de graças pelos 54 anos de sua vida episcopal, no dia 29 de outubro. A celebração aconteceu na Catedral Metropolitana Nossa Auxiliadora, foi concelebrada por diversos sacerdotes e contou com a participação de religiosos, leigos e autoridades públicas. Por ocasião da data, o pároco da Paróquia Santo Antônio de Pádua, no Setor Negrão de Lima, na capital, padre Alaor Rodrigues de Aguiar, lançou o livro “Memórias históricas de Dom Antonio Ribeiro de Oliveira – Homem de oração e comunhão, de fé e de atitudes”. A obra foi distribuída após a missa.

## FIQUE POR DENTRO



Foto: Reprodução

### Retiro

O Grupo de Casais, Noivos e Namorados Santa Gianna, da Paróquia São Francisco de Assis, do Setor São Francisco, na capital, realiza de 13 a 15, retiro na Chácara Santa Edwiges, em Senador Canedo. O tema do encontro é “Família, Igreja doméstica que realiza a vontade do Pai”, conduzido por padre Anacleto, padre Luiz Carlos Lodi e o bispo emérito de Uruaçu (GO), Dom José Silva Chaves.



Foto: Wilma P. Camargo

### DNJ 2015

O Dia Nacional da Juventude (DNJ), que neste ano comemora 30 anos com o tema “Juventude construindo uma nova sociedade”, foi celebrado durante todo o dia 1º de novembro, em Gameleira de Goiás, Vicariato de Silvânia, com caminhada, pregações, oficinas e shows. Participaram do evento cerca de 400 jovens das cidades que integram o Vicariato (Leopoldo de Bulhões, Bonfinópolis, Gameleira, Silvânia, Cristianópolis, São Miguel do Passa Quatro e Vianópolis). Jovens de Bela Vista de Goiás, que agora faz parte do Vicariato de Senador Canedo, também participaram.



## Reunião Mensal de Pastoral

14 de novembro, às 8h30, CPDF

Tema 1: CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2016  
Tema 2: PEQUENAS COMUNIDADES

# 14 a 22 de Novembro 2015

FESTA EM LOUVOR A JESUS CRISTO NA VIDA DE

NOVENA  
TODOS  
OS DIAS DA  
FESTA

**3ª**  
Edição

## SANTA CECÍLIA

PADROEIRA DOS MÚSICOS

Local: Rua 12, Qd.16, Lt.5-A Parque Santa Cecília Aparecida de Goiânia

<p><b>CELEBRAÇÕES:</b> Seg. à Sáb. às 19:00h Domingo às 18:00h</p>	<p><b>Frei Reinaldo Pereira</b>(Paróquia Santo Antônio) <b>Frei Edson Matias</b>(Paróquia Nossa Senhora da Abadia) <b>Padre Marcos Rogério</b>(Paróquia Nossa Senhora da Assunção) <b>Padre Marcos Rodrigues</b>(Paróquia Imaculado Coração de Maria) <b>Padre Valdison Braga</b>(Paróquia Nossa Senhora Rainha da Paz)</p>	<p><b>Frei Cirone Rodrigues</b>(Paróquia Divino Pai Eterno) <b>Frei Messias Braga</b>(Paróquia Santo Antônio) <b>Frei Rubens</b>(Paróquia Divino Pai Eterno) <b>Padre João Luiz</b>(Paróquia Santa Cruz)</p>
--	---	--



# Paróquia Nossa Senhora Aparecida, de Inhumas

“O testemunho da comunidade cristã é missionário quando ela assume os compromissos que colaboram para garantir a dignidade do ser humano e a humanização das relações sociais” (Documento 100, CNBB)

FÚLVIO COSTA

Com pouco mais de 50 mil habitantes, o município de Inhumas, a 35 km da capital tem duas paróquias. A mais nova delas é a Nossa Senhora Aparecida, do Setor Amélio Alves, criada pelo então arcebispo de Goiânia, Dom Antonio Ribeiro de Oliveira, em 26 de julho de 1996 – Festa de Nossa Senhora de Sant’ Ana.

Antes da paróquia, os moradores do Setor Amélio Alves e adjacências se reuniam para as celebrações na capela Nossa Senhora Auxiliadora, localizada ali próximo, na Praça da Vila 31 de Março. Nas casas, era tradição a reza



do terço. A ideia de construir uma igreja no setor foi do diácono Manuel Basílio, que foi encampada pelo padre espanhol Angelino Fernandez e Fernandez, mas ele veio a falecer antes de ver o templo de pé. Outro espanhol, o padre Silvio Ordoñez Perez, foi quem concluiu a obra.

O padre diocesano Ademário Benvides de Souza, conhecido como padre Souza, foi o primeiro pároco. Ele chegou em 1997 e desenvolveu principalmente o trabalho de formar grupos de terços nas casas e de lide-

res para atuarem nos bairros. No ano seguinte foi realizada a primeira festa em homenagem à padroeira



Nossa Senhora Aparecida. Em 1999, o frei Benedito das Chagas Carvalho assumiu a administração paroquial. De lá para cá, a paróquia teve mais quatro padres: Antônio Martins (2002-2004); Hércules Geremias Melo (2004-2006); Raimundo Lopes Salgado (2007-2014) e, atualmente, o padre Antônio Donizete Guimarães, que chegou em fevereiro deste ano.

## A missão de evangelizar

A Paróquia Nossa Senhora Aparecida ainda é uma comunidade em formação, segundo o padre Antônio. A maioria dos paroquianos ainda cultiva apenas o hábito de participar das missas dominicais. “Estamos trabalhando para fazer entender melhor os Sacramentos e o papel das pastorais”, disse em entrevista ao *Encontro Semanal*. É desafiante também, segundo ele, o trabalho de formar lideranças que assumam responsabilidades na paróquia, bem como entu-



Fotos: Carlo César

siasmar os jovens com o amor de Jesus Cristo. As sementes que fizeram brotar a paróquia há 20 anos, porém, continuam vivas nas comunidades. “Os fiéis participam ativamente das celebrações, missas e festas, e dos grupos de terços nas casas”.

Atualmente, a paróquia conta com diversas pastorais e movimentos, os quais serão convocados em fevereiro do próximo ano para a 1ª Assembleia Paroquial de Pastoral. Para o futuro,



o pároco sonha fortalecer as comunidades com a descentralização das atividades da igreja matriz, criar novas pastorais, inclusive a Pastoral

Familiar e grupos missionários nas casas, reforçar as Pastorais Sociais e equipes de trabalho e dar mais apoio aos jovens. Mas para isso, ele ressalta ser necessário “um trabalho comunitário, que envolva a todos e se dê a partir de uma assembleia paroquial que tenha a participação dos líderes que exponham as conquistas e os anseios da paróquia”.

## INFORMAÇÕES

### Missas

3ª-feira, às 19h30  
5ª-feira, às 15h  
Primeira 6ª-feira do mês, às 19h30  
Domingo, às 7h30 e às 19h30

### Pároco

Pe. Antônio Donizete Guimarães

**Tel.:** (62) 3511-2547

**End.:** Av. Radial Norte, Qd. 9, Lote 10  
Setor Amélio Alves – CEP: 75400-000



NILO DELLA SENTA  
Diretor do IDES

“Alguns movimentos ecológicos defendem a integridade do meio ambiente (...), mas não aplicam esses mesmos princípios à vida humana”.

(Papa Francisco, Laudato Si’, 136).

No documento de Santo Domingo, do início da década de 1990, que tem como tema, “Nova evangelização, promoção humana e cultura cristã”, o então papa João Paulo II propôs uma ‘Ecologia Humana’. O papa Francisco retoma o conceito e o amplia chamando de ‘ecologia integral’.

Na época, o mais moderno era defender as árvores, a camada de ozônio do ar, os rios, os animais, os nativos e, paradoxalmente, o mais atrasado era defender o casamento, a família, a concepção, a vida, a religião. João Paulo II era considerado ‘conservador e atrasado’ porque defendia o ser humano com os mesmos critérios que os “avançados” defendiam o meio ambiente.

Basta boa vontade para entender que o cultivo de produtos orgânicos é muito melhor para a saúde humana e para a natureza, da mesma forma que preservar a família é muito melhor para o ser humano e para a sociedade. É uma imposição da própria natureza.

O tempo passou e agora já não

é suficiente uma ‘Ecologia Humana’, mas uma ‘Ecologia Integral’, pois o ser humano precisa se preservar, preservando a natureza. A missão e o serviço dobraram porque tanto o ambiente biológico quanto o ambiente humano estão em perigo ao mesmo tempo.

Nunca é demais falar, divulgar e praticar a Doutrina Social da Igreja, mas é ineficaz se não tivermos consciência sobre a solidez de seus princípios, de seus critérios e de suas orientações.

A maior quantidade de citações

na *Laudato Si’* é de São João Paulo II e Bento XVI, comprovando que a Doutrina Social da Igreja não é composta de documentos isolados representando o pensamento de um determinado pontífice, mas uma continuidade de reflexões e orientações seguindo um único caminho e uma centralidade.

A centralidade é o ser humano e o caminho é Deus, que é a perfeição. Ser humano e Deus são inseparáveis e a natureza necessita deles. “Sede, portanto, perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito” (*Mt 5,48*).

## Empresário católico, participe do IDES!

Encontros semanais: Todas as segundas-feiras, 19h30. Palestra mensal: Numa terça-feira, 19h. Fones: 3946-1006/1007 – e-mail: ides.contato@hotmail.com



# Amar sempre

TALITA SALGADO

Nas últimas edições destacamos o sacramento do matrimônio, desde a preparação no noivado, o rito e a constituição da família na fecundidade de uma união que dá frutos, enfim parte do caminho que envolve essa decisão, essa aliança entre homem e mulher. Papa Francisco, na abertura do Sínodo dos Bispos sobre a Família, ressaltou que Deus não criou o ser humano para ser só, o fez para amar e ser amado, para partilhar seu caminho com outra pessoa, e salientou que o amor é a base dessa união. “Isto significa que o objetivo da vida conjugal não é apenas viver juntos para sempre, mas amar-se para sempre”, afirmou, e acrescentou que é um sonho de Deus ver homem e mulher realizados na união, na vida a dois, fecundos na doação de um ao outro. E que isso não é algo ultrapassado, fora da realidade atual, “também o homem de hoje – que muitas vezes ridiculariza este desígnio – continua atraído e fascinado por todo o amor autêntico, por todo o amor sólido, por todo o amor fecundo, por todo o amor fiel e perpétuo. Vemo-lo ir atrás dos amores temporários, mas sonha com o amor autêntico; corre atrás dos prazeres carnavais, mas deseja a doação total”.



Foto: Carlo César

Em um mundo em que se vive cada vez mais a liquidez das relações, a paralisação ou a angústia diante da direção dos próprios passos, apresentamos a história do Sr. João Luiz da Silva (João Rosa), 87 anos, e de D. Maria da Luz Diniz da Silva, 84 anos. Naturais da cidade de São Gotardo, Minas Gerais, foram batizados na mesma Paróquia São Sebastião, coincidentemente o mesmo padroeiro da atual paróquia que frequentam em Bonfinópolis, Goiás, onde hoje vivem. Se conhecem desde pequenos, namoraram por três meses e se casaram. Na época, ele com 21, e ela com 18 anos. Nisso já se passaram 66 anos do dia em que escolheram percorrer juntos o mesmo caminho. Os frutos são: 10 filhos, 17 netos e 15 bisnetos. Hoje, apenas nove filhos estão vivos, oito são casados e um é padre!

Segundo D. Maria, o casamento é como uma viagem em que não se conhece a estrada ao longo da qual se depara com lama, buracos, pedras e outros desafios. Ela ainda faz outra comparação, dizendo: “O casamento é como a rosa que é linda e perfumada, mas tem também o cabinho cheio de espinhos. Com o tempo ambos irão secar, e aparecem as dificuldades, doenças”. Aventurar-se em uma viagem em que não se conhece a estrada e ainda ouvir de um casal que vive há muitos anos juntos que é muito provável que ela tenha buracos e pedras, e mais, que é como uma rosa de cabo espinhento, não parece muito atrativo. É aí que hoje, inúmeras vezes, se ouve: “Não está feliz, separa. Está muito complicado, separa”.

É preciso sempre recordar que o amor não é algo fácil, a felicidade não é o objetivo, mas uma con-

sequência do que se vive. Como então compreender essa escolha e enfrentar os desafios desse sacramento do amor? Papa Francisco enfatiza: “Com efeito, só à luz da loucura da gratuidade do amor pascal de Jesus é que aparecerá compreensível a loucura da gratuidade de um amor conjugal único e fiel até a morte”.

Sr. João diz que casamento não é só pensar: Vamos casar! É preciso, desde o início, analisar a convivência, e o ciúme é uma das coisas que não devem fazer parte da relação. “Se existir ciúme, já atrapalha a vida. Eu tinha um comércio, ensinei-a como trabalhar lá; se eu tivesse ciúme, ela não poderia ficar lá, pois ela trabalhava e eu cuidava de outras coisas. Se não fosse isso, hoje a gente não tinha o conforto, pequeno, mas que conquistamos juntos.”



Como o Sr. João Luiz e D. Maria formam um casal muito simples, a sabedoria se esconde em histórias e causos, como este que ensina que as mudanças fazem parte da vida; logo, do casamento.

D. Maria conta que sem o marido ela nem sabe como seria a vida. Hoje ela tem dificuldades para se locomover; ele também, mas, apesar da bengala, anda por toda a cidade e em casa a auxilia em tudo. “Antes ele colhia a mandioca, trazia, eu ralava tudo, secava no braço, torrava a farinha e no fim do dia dava pra fazer até 15 litros. Todo dia eu fazia

isso! Agora para fazer um ‘comezinho’, junta nós dois pra dar conta.” Aos risos, Sr. João concorda e afirma que a diferença do passado para os dias atuais é muito grande e resalta que, com todo esse trabalho, ainda tinha os filhos para cuidar. Ambos concordam que hoje é muito mais difícil para realizar tarefas que antes eram cotidianas, mas que, com amor um ao outro e a Deus, se vence tudo.

O casal afirma que a tolerância e a paciência são fundamentais para a durabilidade do casamento. É que nos momentos em que a situação ficou difícil, eles sempre procuraram

## Casamento muda a vida e a vida muda com o tempo

ter ânimo: “Tá ruim? Tá nada, tá do jeito que Deus nos dá”.

Quanto à criação dos filhos, são categóricos em dizer que é importante que os pais possam corrigir os filhos e ainda salienta que quando um dos cônjuges corrige o outro não deve interferir. Por isso é importante que conversem e concordem quanto à criação dos filhos. Na vida adulta, porém, ele diz que procuram não se meter, respeitam a liberdade dos filhos e estão presentes para apoiá-los. Sr. João faz questão de dizer que concorda com o ditado popular *Filho criado, trabalho dobrado*, mas resalta que as alegrias também são.

A filha mais nova do casal, Dinair Maria da Silva de Jesus, 46 anos, tem três filhos e 27 anos de casamento. Segundo ela, a união dos pais é um exemplo. “Não são 66 anos de casados e com problemas, são 66 anos de

harmonia; raramente eu vi qualquer um dos dois descontentes. Hoje se eu chamar meu pai para sair e ele não puder levar minha mãe, ele não vai, não a deixa sozinha. A vida toda fomos criados em um ambiente de amor e respeito. Eles são a base da união de toda a família e lutam para isso.”

Regina Maria da Silva Alves, 57 anos; três filhos, cinco netos, casada há 37 anos concorda com a irmã, e diz que os pais são o grande exemplo também para os netos, pois eles percebem a importância da compreensão diante das adversidades, a importância de procurar entender o outro. E ainda afirma que a fé sempre permeou todos os momentos da família. “Durante toda a vida meus pais foram de Igreja e nos ensinaram sobre a fé. É com ela que enfrentamos os desafios, confiantes em Deus”, finaliza.



# 50 anos das relações da Igreja com as religiões não cristãs

Estimados irmãos e irmãs,



Foto: Reprodução

Nas Audiências Gerais participam com frequência pessoas ou grupos pertencentes a outras religiões; mas a audiência de hoje é totalmente especial, para recordarmos juntos, o 50º aniversário da Declaração do Concílio Vaticano II. Nos-

tra *aetate*, sobre as relações da Igreja católica com as religiões não cristãs. Esse tema era muito importante para o beato papa Paulo VI, que já na festa de Pentecostes do ano precedente ao fim do Concílio, tinha instituído o Secretariado para os não cristãos, hoje Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso. Por isso, manifesto a minha gratidão e dou as minhas calorosas boas-vindas a pessoas e grupos de várias religiões, que hoje quiseram estar presentes, especialmente os que vieram de longe.

O Concílio Vaticano II foi um tempo extraordinário de reflexão, diálogo e oração para renovar o olhar da Igreja Católica sobre si mesma e sobre o mundo. Uma leitura dos sinais dos tempos em vista de uma atualização orientada por uma fidelidade dupla: fidelidade à tradição eclesial e fidelidade à história dos homens e das mulheres do nosso tempo.

A mensagem da Declaração *Nos-*

*tra aetate* é sempre atual. Evoquemos brevemente alguns dos seus pontos:

- a crescente interdependência dos povos (cf. n. 1);
- a busca humana de um sentido da vida, do sofrimento, da morte, interrogações que sempre acompanham o nosso caminho (cf. n. 1);
- a origem e o destino comuns da humanidade (cf. n. 1);
- a unicidade da família humana (cf. n. 1);
- as religiões como busca de Deus ou do Absoluto, no contexto das várias etnias e culturas (cf. n. 1);
- o olhar benévolo e atento da Igreja sobre as religiões: sem nada rejeitar daquilo que nelas existe de belo e de verdadeiro (cf. n. 2);
- a Igreja considera com estima os crentes de todas as religiões, apreciando o seu compromisso espiritual e moral (cf. n. 3);
- aberta ao diálogo com todos, a Igreja é ao mesmo tempo fiel às

verdades em que crê, a começar por aquela segundo a qual a salvação oferecida a todos tem a sua origem em Jesus, único Salvador, e que o Espírito Santo está em ação, como fonte de paz e amor.

Houve numerosos eventos, iniciativas e relações institucionais ou pessoais com as religiões não cristãs ao longo desses últimos 50 anos, e é difícil recordá-los todos. Um acontecimento particularmente significativo é o Encontro de Assis, de 27 de outubro de 1986. Ele foi desejado e promovido por São João Paulo II, que um ano antes, portanto há 30 anos, dirigindo-se aos jovens muçulmanos em Casablanca desejava que todos os crentes em Deus favorecessem a amizade e a união entre os homens e os povos (19 de agosto de 1985). A chama acesa em Assis propagou-se no mundo inteiro e constitui um sinal de esperança permanente.

## Respeito e estima entre as religiões

Merece uma especial ação de graças a Deus a verdadeira mudança que nestes 50 anos se verificou nas relações entre cristãos e judeus. Indiferença e oposição transformaram-se em colaboração e benevolência. De inimigos e estranhos, passamos a ser amigos e irmãos. Com a Declaração *Nostra aetate* o Concílio traçou o caminho: “sim”, à redescoberta das raízes judaicas do cristianismo; “não”, a todas as formas de antissemitismo e condenação de qualquer injúria, discriminação e perseguição que delas derivam. O conhecimento, o respeito e a estima recíprocos constituem a senda que, se é válida de modo peculiar para a relação com os judeus, vale analogamente também para as relações com as demais religiões.

O mundo olha para nós, crentes, exorta-nos a colaborar entre nós e

com os homens e as mulheres de boa vontade que não professam religião alguma, pede-nos respostas eficazes sobre numerosos temas: a paz, a fome e a miséria que afligem milhões de pessoas, a crise ambiental, a violência, em particular a cometida em nome da religião, a corrupção, a degradação moral, as crises da família, da economia, das finanças e sobretudo da esperança. Nós, crentes, não temos receitas para esses problemas, mas dispomos de um recurso enorme: a oração. E nós crentes, oramos. Devemos rezar.

Por causa da violência e do terrorismo difundiu-se uma atitude de suspeita ou até de condenação das religiões. Na realidade, não obstante religião alguma esteja imune do risco de desvios fundamentalistas ou extremistas em indivíduos ou gru-

pos (cf. Discurso ao Congresso dos EUA, 24 de setembro de 2015) é preciso considerar os valores positivos que elas vivem e propõem, e que constituem nascentes de esperança.

### Praticar a caridade juntos

O Jubileu Extraordinário da Misericórdia, que está à nossa frente, é uma ocasião propícia para trabalharmos juntos no campo das obras de caridade. E neste setor, onde conta, sobretudo a compaixão, podem unir-se a nós muitas pessoas que não se sentem crentes ou que vivem à procura de Deus e da verdade, pessoas que põem no centro o rosto do próximo, em particular o semblante do irmão ou da irmã em necessidade. Mas a misericórdia à qual somos chamados abrange toda

a criação, que Deus nos confiou para sermos os seus administradores e não exploradores ou, pior ainda, destruidores. Deveríamos ter sempre o propósito de deixar o mundo melhor do que o encontramos (cf. *Enc. Laudato si'*, 194), a partir do ambiente em que vivemos, dos pequenos gestos da nossa vida quotidiana.

Caros irmãos e irmãs, quanto ao futuro do diálogo inter-religioso, a primeira coisa que devemos fazer é rezar. E rezar uns pelos outros: somos irmãos! Sem o Senhor, nada é possível; com Ele, tudo se torna possível! Possa a nossa oração – cada qual segundo a sua tradição – aderir plenamente à vontade de Deus, o qual deseja que todos os homens se reconheçam irmãos e vivam como tais, formando a grande família humana na harmonia das diversidades.

**Educação Infantil ao 9º Ano**  
(a partir de 1 Ano)

**Tempo Integral**

**Material Didático Digital**

“Acreditamos na educação como transformadora da sociedade”

**COLÉGIO SALESIANO**  
ATENEU DOM BOSCO - Goiânia  
(62) 3093 3545  
[www.ateneusalesiano.com.br](http://www.ateneusalesiano.com.br)  
Alameda dos Buritis, N° 485 - St. Oeste - Goiânia-GO



# Evangelho de São Marcos VIII – A

FREI FERNANDO INÁCIO P. DE CASTRO, OFM

Caros leitores, continuando o nosso estudo do Evangelho de São Marcos, apresento a conclusão, a saber, o **Relato da Ceia Pascal, da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor** – este é o primeiro relato do Mistério Pascal escrito na Igreja – que devido sua importância para a Igreja primitiva, segundo opinião

de alguns estudiosos, poderia até ter existido já escrito antes da redação e publicação do primeiro Evangelho. O redator o aproveitou para concluir o Evangelho que a Comunidade de Roma pedira que ele escrevesse nos últimos anos da década de 60 d.C. Esse Relato do Mistério Pascal é o conteúdo principal do Anúncio ou Querigma dos primeiros pregadores do Evangelho, a saber, os Apóstolos. Todo o Relato está impostado entre duas ce-

nas em que se destacam mulheres que enfrentam oposição – aquela da unção em Betânia, e aquelas discípulas que vão ao Sepulcro também para uma unção. Esta conclusão se encontra nos capítulos 14,1 a 16,8 e se compõe das seguintes partes ou assuntos:

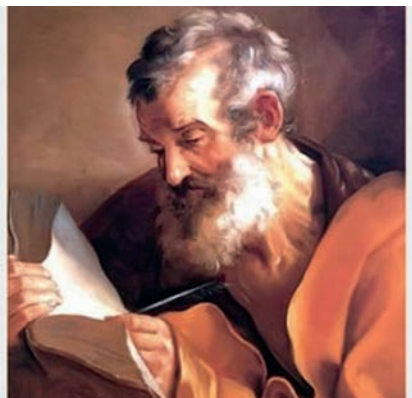


Ilustração: Reprodução

**1) 14,1-11 – Introdução aos Eventos Pascuais**

- a) 14,1-2 – Datação da Páscoa e conspiração contra Jesus da parte dos chefes dos sacerdotes e escribas;
- b) 14,3-9 – A Unção de Betânia na casa de Simão, o Leproso;
- c) 14,10-11 – Judas trai Jesus procurando os chefes dos sacerdotes que lhe prometem dinheiro.

**2) 14,12-16 – Preparativos para a Ceia Pascal com seus discípulos** – Esses preparativos se dão na casa dos pais de São Marcos, onde Jesus manda perguntar pela “sua sala” na qual comeria a Páscoa com seus discípulos.

**3) 14,17-25 – Ceia Pascal de Jesus com os discípulos** – À mesa, Jesus anuncia a traição de um dos doze – vv. 18-21 e institui a Eucaristia no seu corpo e sangue - vv. 22-25.

**4) 14,26-42 – No Monte das Oliveiras** – Jesus prediz a negação de Pedro e entra em agonia no Getsêmani – por três vezes, Jesus chama para

junto de si Pedro, Tiago e João e os manda vigiar e orar com Ele.

**5) 14,43-52 – Entrega e prisão do Senhor e fuga dos discípulos** – Nesta parte se destaca a famosa notícia de um jovem nu que observava a distância a prisão de Jesus – cf. 14,51s.

**6) 14,53-72 – Jesus é levado ao Sinédrio** – Aqui começa propriamente a Paixão do Senhor – Pedro segue Jesus a distância vv. 54 – o Sinédrio recorre a testemunhas contra Jesus que se mostram falsas e incongruentes vv. 55-59 – o Sumo Sacerdote interroga a Jesus e o acusa de blasfêmia, dispensa as testemunhas e o julga réu de morte vv. 60-64 – seguem as circunstâncias das negações de Pedro e seu arrependimento vv. 65-72.

**7) 15,1-15 – Jesus é levado a Pilatos** – O Sinédrio, logo cedo, reúne um conselho e decide apresentar Jesus a Pilatos, que o interroga diante da multidão, e frente à falta de provas, Pilatos apela para o costume da Anistia Pascal de

um prisioneiro, e a multidão instigada pelos adversários de Jesus, escolhem a soltura de Barrabás.

**8) 15,16-41 – A Paixão e Morte do Senhor** – Estamos no centro do Relato – o Senhor é condenado à morte de cruz, sendo escarnecido e coroado de espinhos, e fazendo o caminho do Gólgota; obrigam Simão Cirineu a levar a cruz – aqui o autor chama a atenção para o detalhe de que o Cirineu é o pai de Rufo e Alexandre, pessoas conhecidas na Igreja de Roma.

O Relato se conclui com a famosa exclamação do Centurião, presente naquela hora: **“Verdadeiramente este homem era Filho de Deus”** – v.15,39 – a profissão de fé da Igreja Romana é colocada significativamente na boca de um oficial – assim o autor leva a termo a intenção de todo o seu Livro, como foi anunciado no título deste Evangelho: **“Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus”** – cf. 1,1.

**9) 15,42-47 – Sepultamento de Jesus** – José de Arimateia, membro do

Sinédrio e discípulo de Jesus às ocultas, vendo que o Senhor estava morto, foi pedir a Pilatos o Seu corpo e o preparou para a sepultura.

**10) 16,1-8 – O Sepulcro vazio e a Mensagem do Anjo** – Essa é a última parte do relato. Causa estranheza como todo o Evangelho termine de modo quase abrupto, contando somente como aquelas discípulas fugiram com medo e espanto e nada disseram a ninguém – os estudiosos se colocam muitas interrogações, não se sabe propriamente se este Evangelho se concluía assim, ou se se perdeu parte de sua conclusão, pois comparado com os outros evangelhos, este não diz nada das aparições do Ressuscitado.

**Adendo à conclusão do Evangelho** – 16,9-20 – Esse acréscimo ao Evangelho foi colocado pela Igreja, tendo em vista completar o relato e facilitar o Ministério de Ensino – o texto acrescentado nos presenteia com **“um autêntico testemunho escrito da Fé da primitiva Igreja de Roma, na Ressurreição do Senhor”**.

Na companhia dos Padres



Rodrigo de Castro



Vitor Simão



Max Costa



Jonathan Costa

INFORMAÇÕES 3223-0758

Saída de Goiânia > 24 de julho de 2016 >



VAMOS PARTICIPAR DA JMJ COM O PAPA FRANCISCO NA CRACÓVIA

Visitaremos



Varsóvia Capital da Polônia



Chestokova Santuário da Virgem Negra



Wadowice Terra do Papa João Paulo II



FÁBIO CARDOSO DA SILVA  
(Seminarista) Seminário S. João Maria Vianney

“Protege-me, ó Deus: em ti me refugio” (Sl 16 (15),1)

Jesus nos dirige sua palavra hoje. Fala-nos sobre a queda deste mundo, que se opõe a Deus e persegue os seguidores de Deus. O evangelista Marcos quer animar os seguidores do Caminho. Com isto quer afirmar que os seus sofrimentos vão ser ouvidos. Portanto, não devem desanimar. Precisam continuar fiéis no seguimento de Cristo, pois Ele, o Filho do Homem, com seus anjos reunirão os seus dos quatro cantos da terra e os levarão para o reino de seu Pai à “cidade do Deus vivo, a Jerusalém celeste” (Hb 12,22). Para isso, convida-nos olhar

os sinais dos tempos. O agricultor olha os sinais expressos pela figueira (Mc 13,28), sabe que logo chegará o verão e o tempo da colheita. Assim os acontecimentos do mundo presente anunciam a chegada do Filho do Homem. Ao fiel fica a mensagem: preparar o coração e ser fiel à vontade do Senhor. Os únicos bens que levaram, não são os bens materiais deste mundo, mas o cumprimento dos ensinamentos de Cristo, a estar ocupado com as coisas do Reino (Cf.: Mc 13,35-37; Mt 24,42; Lc 12,35). “Vigie sobre a vida uns dos outros. Não deixe que sua lâmpada se apague, nem afrouxe o cinto dos rins. Fique preparado porque você não sabe a que horas nosso Senhor chegará”. (Didaqué, Catecismo dos Primeiros Cristãos para as comunidades de hoje, Editora Paulus, cap. XVI,1).

Siga os passos para a leitura orante:

Texto para a oração: Mc 13,24-32 (página 1261 – Bíblia das Edições CNBB).

Passos para a leitura orante:

1. Invoquemos o Santo Espírito: “Vinde Espírito Santo, enchei os corações...”. Peça ao Santo Espírito a graça para escutar o Senhor e de estar com Ele. Leia o Evangelho calmamente. Releia-o mais vezes.
2. Faça silêncio por alguns minutos. O que o Senhor me diz no texto? Como tenho agido diante de Cristo Jesus? Tenho sido Cristo, o Bom Samaritano, para os irmãos?
3. É o momento de responder a Deus depois de tê-lo escutado. Faça uma oração, converse com Ele. Fale da vida. Peça a graça da perseverança, da fidelidade...
4. Contemple a Palavra. Peça a Jesus a graça de levar Sua Palavra no dia a dia, na relação com as pessoas, com a família, no trabalho, nas várias situações da vida. Façamos como Maria Santíssima que guardava todas as coisas e meditava-as no seu coração (cf. Lc 2,19; 2,51b).

(ANO B, 33º Domingo do Tempo Comum. Liturgia da Palavra: Dn 12,1-3; Sl 15(16); Hb 10,11-14.18; Mc 13,24-32)

ESPAÇO CULTURAL



Superar a dor do luto

O livro tem como principal objetivo oferecer conforto e reflexão às pessoas que estão em um momento de luto, para que nesse momento difícil possam perceber o amor de Cristo. A leitura também poderá auxiliar as pessoas próximas ou que desejam apoiar os enlutados e queiram, por isso, aprofundar a espiritualidade da vida, morte e ressurreição de Jesus. **Título:** Superar a dor do luto **Editora:** Paulinas **Autor:** Dom Messias dos Reis



DOM ao vivo

Primeiro trabalho ao vivo da banda, lançado em 2012. O DVD/CD reúne um repertório rico que abrange toda a carreira do grupo até então. Através das canções se podem contemplar o trabalho de evangelização e os momentos marcantes de espiritualidade. Segundo os integrantes da banda, esse trabalho “é uma celebração da unidade do grupo, seu chamado e a perseverança na fé e no serviço ministerial”. **Título:** DOM ao vivo **Gravadora:** Atração

Publicidade

“TUDO POSSO NAQUELE QUE ME CONFORTA”  
FL 4, 13  
FAÇA PARTE DESTA FAMÍLIA DE AMOR.

62 3506-9800 www.paieterno.com.br